



**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DO VALE DO SÃO
LOURENÇO – EDUVALE**

CURSO DE PSICOLOGIA

**O AUTISMO EM PERSPECTIVA E O OLHAR DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS
DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP)**

DIELLI MORAES DA SILVA

JACIARA-MT

2023

DIELLI MORAES DA SILVA

**O AUTISMO EM PERSPECTIVA E O OLHAR DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS
DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP)**

Artigo apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço - Eduvale, como parte das exigências do Curso de Graduação em Bacharel em Psicologia, para a obtenção da nota final da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof^ª. Ma. Dayane Aparecida do Nascimento Cardoso

JACIARA–MT

2023

Dedico este trabalho a minha família, aos meus professores que contribuíram para minha formação acadêmica, e ao pequeno Raul, que me inspirou a adentrar o universo autista.

SUMÁRIO

O AUTISMO EM PERSPECTIVA E O OLHAR DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP).....	5
ABSTRACT	6
1 INTRODUÇÃO	7
2 ASPECTOS HISTÓRICOS E PERSPECTIVAS DIAGNÓSTICAS.....	8
3 PERSPECTIVA HUMANISTA: UM OLHAR A PARTIR DE DENTRO	11
3.1 A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: UMA PROPOSTA HUMANISTA PSICOTERÁPICA	12
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
REFERÊNCIAS	14

O AUTISMO EM PERSPECTIVA E O OLHAR DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP)

Dielli Moraes da Silva¹

Dayane Aparecida do Nascimento Cardoso²

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender a temática do autismo a partir de seus aspectos históricos e perspectivas diagnósticas, apresentar os pressupostos humanistas fundamentais da Abordagem Centrada na Pessoa no contexto psicoterápico e destacar a importância das atitudes facilitadoras na relação terapêutica com o autista. Para chegar à compreensão de “espectro” que se tem hoje, foi um longo processo de tentativas de erros e acertos no contexto médico psiquiátrico. O termo “autismo” foi mencionado na literatura médica pela primeira vez pelo psiquiatra Eugen Bleuler como um sintoma da esquizofrenia infantil. No entanto, foi a partir dos trabalhos do psiquiatra Léo Kanner, que o autismo começa a ser visto como algo além de um sintoma. Durante décadas ocorreram significativas mudanças para chegar à atual classificação diagnóstica do Transtorno do Espectro Autista (TEA) segundo o quinto Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5). A investigação desta pesquisa é cunho bibliográfico. A pesquisa foi desenvolvida com base em monografia, dissertação, livros e artigos científicos. De acordo com as últimas pesquisas, acredita-se que no Brasil haja 2 milhões de autistas. Nesse sentido, as questões de pesquisa foram formuladas da seguinte forma: olhando para as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, nas formas de conceber o autismo, e diante de inúmeros casos que têm sido registrados nos últimos tempos, será que existe algum olhar para o autismo, além das perspectivas diagnósticas? Afinal, quem é o sujeito autista? Nesse sentido, a pesquisa propõe um olhar centrado na pessoa apresentando as contribuições dos pressupostos teóricos de Carl Rogers, representante máximo da ACP, no qual oferece um olhar sobre a importância da relação terapêutica. O terapeuta precisa olhar para o grau de compreensão e significado que a pessoa dá à própria experiência. Trata-se de uma premissa de ir além das rotulações diagnósticas. Dentre as contribuições da ACP na atuação do psicólogo, destaca-se a importância da consideração incondicional positiva no processo de relação terapêutica com a pessoa autista.

Palavras-chave: Autismo. Psicologia humanista. Abordagem Centrada na Pessoa.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Eduvale. Email. diellim81@gmail.com.

² Professora Orientadora pela Faculdade Eduvale. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso. E-mail dayanecardoso@eduvalesl.edu.br

ABSTRACT

The objective of this study is to understand the topic of autism from its historical aspects and diagnostic perspectives, present the fundamental humanist assumptions of the Person-Centered Approach in the psychotherapeutic context and highlight the importance of facilitating attitudes in the therapeutic relationship with autistic people. To reach the understanding of “spectrum” that we have today, it was a long process of trial and error in the psychiatric medical context. The term “autism” was first mentioned in medical literature by psychiatrist Eugen Bleuler as a symptom of childhood schizophrenia. However, it was through the work of psychiatrist Léo Kanner that autism began to be seen as something more than a symptom. Significant changes took place over decades to reach the current diagnostic classification of Autism Spectrum Disorder (ASD) according to the fifth Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5). The investigation of this research is bibliographic in nature. The research was developed based on monographs, dissertations, books and scientific articles. According to the latest research, it is believed that there are 2 million autistic people in Brazil. In this sense, the research questions were formulated as follows: looking at the changes that have occurred over time, in the ways of conceiving autism, and given the countless cases that have been recorded in recent times, is there any way to look at autism, beyond diagnostic perspectives? After all, who is the autistic subject? In this sense, the research proposes a person-centered approach presenting the contributions of the theoretical assumptions of Carl Rogers, the highest representative of ACP, in which he offers a look at the importance of the therapeutic relationship. The therapist needs to look at the degree of understanding and meaning that the person gives to their own experience. This is a premise of going beyond diagnostic labels. Among the contributions of ACP in the psychologist's work, the importance of unconditional positive consideration in the process of therapeutic relationship with the autistic person stands out.

Keywords: Autism. Humanistic psychology. Person-Centered Approach.

1 INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre o tema parte de uma experiência pessoal com uma criança autista. Nesse sentido, o artigo apresenta uma revisão bibliográfica do autismo em uma perspectiva humanista, no contexto psicoterápico, tendo como objetivo conhecer os aspectos históricos e perspectivas diagnósticas do autismo, apresentar os princípios teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa e destacar a importância das atitudes facilitadoras na relação terapêutica com o autista.

As pesquisas se iniciaram no ano de 2023 e as principais bases de dados utilizadas foram Scielo, Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Os descritores inicialmente utilizados foram “autismo” e “transtorno do espectro autista”. Dentre os critérios de pesquisa, foram selecionadas publicações dos últimos dez anos, tendo como idioma o português. Foi localizado apenas um artigo de perspectiva humanista com enfoque na abordagem centrada na pessoa (ACP).

Diante disso, foi realizada uma pesquisa na plataforma Google em busca de outras fontes de dados. A descrição utilizada foi o “autismo e psicologia humanista” e “autismo sob o olhar da abordagem centrada na pessoa”. A busca resultou em um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação sob o título “Autismos e o olhar centrado na pessoa” publicado em 2013 pelo Instituto Humanista de Psicoterapia (FADDA, 2013).

Existem estudos publicados sobre autismo sob muitas perspectivas, no contexto psicoterápico, como intervenções comportamentais, estudos psicanalíticos sobre o tema e abordagem multidisciplinar. No entanto, aqui se propõe uma reflexão: qual perspectiva teórica seria capaz de não somente olhar o autismo em si, enquanto transtorno, mas a pessoa com autismo?

Durante décadas houve significativas mudanças acerca da compreensão do que seja o autismo. Sua primeira classificação diagnóstica, como sintomas da esquizofrenia infantil, ocorrida em 1952, pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), marca o início de um período longo de estudo e discussão sobre tema, principalmente dentro das ciências médicas.

Na área da psicologia, a abordagem que primeiro irá debater e investigar sobre tema será a psicanálise, no entanto, o que se propõe aqui, além de conhecer os aspectos históricos, que são bases de compreensão sobre o tema, é apresentar a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) como proposta psicoterápica de perspectiva teórica humanista para atendimento clínico de pessoas com autismo.

Segundo Paiva (2021), o último relatório do Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC), realizado em 2021, apresenta uma prevalência de autismo de 1 a cada 44 crianças entre 8 anos de idade. Isso mostra um significativo aumento no número de diagnósticos de crianças com TEA nos últimos anos. Diante desse cenário, destaca-se a importância da atuação do psicólogo capaz de oferecer um olhar para além do diagnóstico.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS E PERSPECTIVAS DIAGNÓSTICAS

Para chegar à compreensão atual do autismo entendido a partir de um espectro, segundo o quinto Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5), foram longos anos de tentativas de diagnósticos a partir de inúmeros estudos no campo da psiquiatria e psicologia.

Ao longo da história, dentro do campo da medicina, sempre houve uma tentativa de classificar as doenças mentais. Nesse contexto, o olhar da psicopatologia, ao longo dos séculos, esteve sempre voltado para a figura do adulto. No primeiro período do século XIX, não havia ainda uma compreensão acerca do transtorno mental na infância, todavia, começou-se uma discussão entre os estudiosos da área sobre retardamento mental. Nesse sentido, vale destacar que, os registros mais primitivos, que começaram a apontar a realidade da psicopatologia na infância, vieram em 1867 do trabalho do psiquiatra Maudsley (FETTER, 2021; SCHMIDT, 2017; MARFINATI, ABRÃO, 2014).

No entanto, segundo Fetter (2021) foi o importante caso de Victor de Aveyron, um adolescente mudo e, provavelmente, surdo encontrado por um grupo de caçadores, que abriu possibilidades para um novo campo de estudo, tanto para medicina, como, posteriormente, para a psicanálise, graças às análises realizadas por importantes e notáveis figuras médicas da época, como Pinel e Itard.

No início do século XX, os estudos da psiquiatria infantil estavam juntamente ligados aos da psiquiatria adulta. No entanto, nesse período, a psicanálise, através dos estudos de psicoses infantis, começa a se apropriar da investigação psicopatológica, proporcionando independência ao campo de estudo da psiquiatria infantil (FETTER, 2021; MARFINATI, ABRÃO, 2014).

De acordo Fetter (2021), ao longo dos anos, surgiram muitos termos a fim de descrever perspectivas acerca da psicopatologia na infância, como os termos “demência precoce e precocíssima” surgidos entre os anos de 1890 e 1907. Em discordância com estes conceitos, o notável psiquiatra suíço Eugen Bleuler apresenta o termo “esquizofrenia infantil”. É nesse momento da história que o termo “autismo” é mencionado na literatura médica pela primeira

vez e, apesar disso, o termo era apenas para descrever um sintoma da esquizofrenia e não como um transtorno.

Entretanto, quem de fato ofereceu um primeiro trabalho sobre o tema “autismo”, trazendo uma definição semelhante ao que se compreende nos dias de hoje, foi o psiquiatra Leo Kanner, pioneiro da psiquiatria infantil, onde, em 1947, propôs em um artigo “Distúrbios Autístico do contato afetivo”, baseado num estudo de caso que realizou com 11 crianças, vindas de lugares distintos, que apresentavam comportamentos semelhantes umas com as outras (FADDA, 2013; FETTER, 2021; SCHMIDT, 2017).

Kanner notou que estas crianças tinham preferência por estarem sozinhas, gostavam de movimentos repetitivos e giratórios, algumas com uma memória excelente e um interesse maior por objetos do que por pessoas, outras com uma sensibilidade auditiva e com uma limitação de repertório de atividades (FADDA, 2013).

No entanto, Kanner foi o primeiro a olhar para o autismo não apenas como um sintoma. Assim, pode-se dizer que foi um dos primeiros a ter um olhar para além do diagnóstico, não se prendendo aos rótulos médicos, mas percebendo ali, por detrás de uma síndrome, uma pessoa. Vale destacar que Kanner não estava preocupado em oferecer uma causa para o autismo, embora no início de seu trabalho ofereceu uma explicação a partir de uma perspectiva biológica, conforme afirma:

Devemos, portanto, supor que estas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade biologicamente inata de formar laços afetivos comuns de base biológica com as pessoas, assim como outras crianças vêm ao mundo com incapacidades físicas ou intelectuais inatas (GRANDIN, 2022, p. 14).

Seguindo seus estudos, Kanner constituiu como categorias do “Distúrbio Autístico” ou “Autismo infantil precoce” crianças que compartilhassem das seguintes características: inaptidão para estabelecer relações sociais, atraso da fala e deficiências motoras. Tais aspectos estavam presentes em todas as crianças atendidas por Kanner (FETTER, 2021; GRANDIN, 2022; MARFINATI, ABRÃO, 2014).

Posteriormente, de acordo com Fetter (2021), Kanner apresentou uma outra perspectiva de viés psicológico, onde observou que os seus pacientes não tinham o afeto dos pais. E, muito tempo depois, seguindo essa ideia, Bruno Bettelheim cunhou o termo “mãe geladeira” pensamento de base psicanalítica que influenciou por muito tempo a medicina psiquiátrica.

Ainda dentro dos aspectos históricos, segundo Grandin (2013), vale destacar a importância do trabalho do médico pediatra austríaco Hans Asperger que começou a identificar um tipo de criança que partilhava características como “falta de empatia, pouca capacidade de fazer amigos, conversas unilaterais, absorção intensa, em um interesse em especial e

movimentos desajeitados” (WING 1981, p. 115-30 apud GRANDIN, 2013 p.22). A princípio, Asperger considerava o autismo como uma psicopatia autista, porém, tal terminologia não foi bem aceita. No entanto, sua descoberta foi, posteriormente, incluída no DSM-IV como “síndrome de Asperger”.

Apesar de muitos estudos e alguns avanços no âmbito da psiquiatria, ainda não se tinha um diagnóstico próprio acerca do autismo, somente se utilizava o termo para descrever sintomas como “pensamento autista”, “comportamento autista”. No entanto, foi a partir da década de 60, com novas ampliações de pesquisas, que os profissionais de saúde chegaram a novas compreensões acerca do autismo (FETTER, 2021; FREITAS, 2018; SCHMIDT, 2017).

Dentre as novas compreensões, vale apontar a importância do trabalho do psicólogo Bernard Rimland que descreveu o autismo como uma “disfunção cognitiva”, sendo uma descoberta muito importante para se pensar o sujeito autista como ele percebe o mundo, e como os profissionais de saúde e demais áreas, podem realizar suas intervenções para um melhor desenvolvimento humano (FETTER, 2021).

Dessa forma, com as influências das ciências cognitivas desse período, com a descoberta de fatores causais, entre eles neurológicos, psicológicos e de processamento de estímulos, o autismo sai definitivamente do campo das psicoses e entra, em 1980, na terceira edição do manual diagnóstico estatístico DSM-III, em uma categoria denominada transtornos globais do desenvolvimento (TGD) (GRANDIN, 2022; FETTER, 2021; FREITAS, 2018).

No entanto, os estudos relacionados ao autismo não se findaram nas décadas seguintes. Segundo Fetter (2021), a medicina teve uma grande contribuição da psiquiatra inglesa Lorna Wing, onde a mesma trouxe o conceito de “espectro”, que ganhou forças até a última definição de autismo como Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo a classificação utilizada para diagnóstico desde o DSM-5 de 2013. Há muitos profissionais no campo das pesquisas estudando tal tema. Com as mudanças nos critérios diagnósticos ao longo do tempo, com um maior conhecimento por parte dos profissionais clínicos e aperfeiçoamento nos instrumentos diagnósticos, o número de casos registrados em autismo cresce cada vez mais (FETTER, 2021).

Nesse sentido, apesar de muitos avanços e descobertas no campo da ciência médica e psicopatológica, alguns questionamentos se colocam: olhando para as mudanças que ocorreram ao longo do tempo nas formas de conceber o autismo e diante de inúmeros casos que tem sido registrado nos últimos tempos, será que existe algum olhar para o autismo, além das perspectivas diagnósticas? Existe algum olhar além do diagnóstico, capaz de ver o autista como um sujeito construtor de sua própria história, sujeito que percebe suas próprias vivências?

3 PERSPECTIVA HUMANISTA: UM OLHAR A PARTIR DE DENTRO

Mas afinal, quem é a pessoa com autismo? De acordo com Fadda (2013) nos últimos anos, foram inúmeras as pesquisas e trabalhos publicados acerca do autismo. Todavia, grande parte destas publicações foram realizadas a partir de um método objetivo, ou seja, uma perspectiva de ver o autista não como uma pessoa única, singular, capaz de perceber suas próprias vivências, mas, sim, um sujeito visto como um objeto a ser investigado e tratado.

Dito de outro modo, as últimas pesquisas têm mostrado como o autismo é estudado mais “a partir de fora” – observações comportamentais – do que “a partir de dentro”, ou seja, a partir da própria experiência do ser autista (FADDA, 2013).

Durante décadas, a compreensão do autismo teve como base as ciências médicas, que estavam empenhadas em decifrar um novo tipo de doença mental. No entanto, não há como reduzir uma pessoa a um conceito psicopatológico, como, por exemplo, reduzir um autista apenas ao transtorno mental.

Há aspectos essenciais na pessoa humana que, muitas vezes, a ciência não consegue captar, nesse sentido, pode-se dizer que a psicopatologia é uma ciência limitada. “Não se pode compreender ou explicar tudo o que existe em um ser humano por meio de conceitos psicopatológicos” (DALGALARRONDO, 2019, p. 7).

Nesse sentido, apresenta-se a perspectiva humanista com seu olhar e compromisso voltado para o processo do ser humano, capaz de se desenvolver e se realizar a partir de suas próprias vivências.

Dentro desta perspectiva humanista, um grande destaque é a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) que tem como representante máximo o psicólogo Carl Rogers, que trouxe para prática psicoterapêutica os princípios humanistas. Dentro desta abordagem, a ação do psicoterapeuta não está centralizada no diagnóstico, mas sim em um olhar voltado para o indivíduo como um todo (RIBEIRO, 2017).

De acordo com Fadda (2013), Rogers enxergava dois modos de se fazer ciência: um modo objetivo e outro existencial. O primeiro compreende uma visão dos comportamentos observáveis do ser humano, baseado numa perspectiva reducionista. Já o segundo, compreende uma visão centrada na experiência humana, tendo como método o fenomenológico, a fim de conhecer o sujeito a partir de dentro.

Nessa perspectiva, Rogers (2009) fala sobre a importância de olhar para o grau de compreensão e significado que a pessoa dá à própria experiência. Trata-se de uma premissa de ir além das rotulações diagnósticas, de olhar para a pessoa como sendo única, repleta de recursos próprios para se desenvolver, realizar-se a partir de suas características.

Nesse sentido, a pessoa com autismo é alguém capaz de ressignificar suas vivências e se realizar. Assim, mais do que compreender o autismo apenas como um transtorno do neurodesenvolvimento, é possível compreendê-lo a partir de um jeito de ser (FADDA, 2023).

3.1 A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: UMA PROPOSTA HUMANISTA PSICOTERÁPICA

De acordo com Junior e Souza (2018), a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) tem como base fundamental a crença da tendência a atualização presente em cada indivíduo. Trata-se de um pressuposto de acreditar que todo indivíduo tem a tendência a crescer, desenvolver-se e atualizar-se.

O profissional psicólogo dessa abordagem, na prática psicoterápica, tem como premissa a aceitação total do outro, de como ele se apresenta. Nesse sentido, o psicoterapeuta se preocupa em como proporcionar uma relação capaz de auxiliar a pessoa para um melhor desenvolvimento e crescimento pessoal (ROGERS, 2009).

Partindo de uma visão profundamente positiva em relação ao homem, Rogers (2009) via a psicoterapia não como é: um ambiente para tratar um determinado transtorno mental em si; mas um lugar de mudança, de desenvolvimento pessoal e, para isso, a atitude do psicoterapeuta é de aceitação total do outro que se apresenta.

O olhar do psicólogo com base na ACP está voltado para a relação como caminho psicoterapêutico, “a mudança parece surgir por meio da experiência em uma relação” (ROGERS, 2009, p. 37).

Para que essa relação terapêutica seja caminho de crescimento e desenvolvimento pessoal, será preciso que o psicoterapeuta tenha atitudes que na ACP chamam-se de facilitadoras. De acordo com Pinto (2021) tais atitudes são: congruência, a consideração incondicional positiva e compreensão empática.

Compreendo a ACP como uma maneira de ser, por meio da qual devo construir o meu modo de estar com o outro – sempre partindo da crença no potencial do outro, por meio da tendência atualizante, e criando um ambiente facilitador no qual exerço a compreensão empática, a congruência e a consideração incondicional positiva (PINTO, 2021, p. 100).

Dentre estas atitudes, vale destacar a importância da consideração positiva no processo de relação com a pessoa autista. Para tal atitude, o psicólogo psicoterapeuta precisa compreender a pessoa em seu modo de ser autista. Isso implica evitar rotulações e generalizações, ou reduzir a pessoa com autismo a um conjunto de conhecimentos técnicos a respeito do diagnóstico.

Vale destacar que as atitudes facilitadoras não são técnicas, mas princípios facilitadores que precisam fazer parte da vida do psicoterapeuta, se este deseja proporcionar uma relação de ajuda. A consideração incondicional positiva trata-se da capacidade de aceitar incondicionalmente o outro, acreditando no potencial que ali habita (PINTO, 2020; RIBEIRO, 2017).

Nesse sentido, na ACP o diagnóstico deixa de ser o centro e o foco do psicoterapeuta é estar inteiro ali com a criança, o adolescente ou adulto com autismo. Dessa forma, as premissas de uma abordagem psicoterápica humanista como a ACP, contribui para repensar as atitudes do profissional psicólogo no contexto psicoterápico diante do outro que, em seu neurodesenvolvimento, percebe e age no mundo em um modo próprio de ser.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso histórico evidencia que a compreensão atual de autismo, como transtorno do neurodesenvolvimento, vem de uma perspectiva diagnóstica que, ao longo dos anos, foi sendo construída e modificada de acordo com os avanços da ciência médica e saberes psicopatológicos. No entanto, o artigo mostrou que é possível olhar para o autismo sob outro viés, como a perspectiva humanista, que propõe uma visão para além do diagnóstico.

Na perspectiva humanista o foco torna-se a pessoa, um olhar para a experiência humana. Nesse sentido, a pesquisa apresentou a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, de viés humanista, como proposta psicoterápica em atendimento a pessoa com autismo, seja esta criança, adolescente ou adulto (ROGERS, 2009; PINTO, 2020).

O estudo elucidou os principais pressupostos teóricos da ACP que podem auxiliar o profissional psicólogo em sua atuação, no contexto psicoterápico. Dentre esses, as atitudes facilitadoras: compreensão empática, consideração incondicional positiva e congruência (PINTO, 2020). Com destaque para a consideração incondicional positiva, que na prática significa a aceitação total do outro de como ele se apresenta ao psicoterapeuta. Trata-se da capacidade em considerar, aceitar o outro, independentemente, de como ele pensa e age, assim, acreditar que o outro faz o melhor que está ao seu alcance, dentro de seu contexto e suas circunstâncias.

Nesse sentido, a psicoterapia centrada na pessoa tem como pressuposto fundamental acreditar que a o indivíduo está sempre inclinado a se desenvolver, a crescer, ou seja, é imbuído de uma tendência à atualização, de sempre oferecer o melhor de si mesmo, apesar de suas circunstâncias. Mas, para que isso possa acontecer, a ACP propõe que a mudança está

justamente na relação entre psicoterapeuta e cliente, uma relação construída sobre as atitudes facilitadoras (PINTO, 2020).

Por fim, ao adentrar uma sala de atendimento e se deparar com uma pessoa que tem em suas mãos um diagnóstico de Transtorno do espectro autista (TEA), o psicólogo, nessa perspectiva humanista da ACP, precisa estar inteiramente ali com o cliente, permitindo que este se revele em seu jeito de ser, não realizando um conjunto de interpretações do comportamento do outro, mas sim, aceitá-lo como se apresenta, e através dessa relação, proporcionar que o outro trilhe seu caminho.

REFERÊNCIAS

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2019.

FADDA, G. Mouta. **Autismos e o olhar centrado na pessoa**. 2013. 61 f. Monografia (Pós-graduação) – Universidade da Fundação Mineira de Educação e Cultura – FUMEC. Belo Horizonte, 2013.

FETTER, Rafael. **A atuação do psicólogo com pacientes com Transtorno do Espectro Autista em cidades de pequeno porte da Serra Gaúcha**. 2021. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Caxias do Sul, 2021.

FREITAS, Rachel G. A. F. Autismo: uma estrutura a mais? **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**. Rio de Janeiro, v. 13, n.26, p.113-125, mai/out. 2018. Disponível em: <<https://doi:10.17852/1809-709x.2019v13n26p113-125>> Acesso em: 13 abril. 2023.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista**. 17 ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

JUNIOR, Francisco S. C; SOUZA, André F. **Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa: ACP**. 2.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARFINATI, A. C.; ABRÃO, J. L. F. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos da Clínica**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 244-262, 2014. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v19i2p244-262. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/83866>. Acesso em: 13 abril. 2023.

PAIVA JR, Francisco. **EUA publica nova prevalência de autismo: 1 a cada 44 crianças, com dados do CDC**. Canal autismo, 2021. Disponível em: <<https://www.canalautismo.com.br/noticia/eua-publica-nova-prevalencia-de-autismo-1-a-cada-44-criancas-segundo-cdc/>>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

PINTO, Marcos A. S. **Abordagem centrada na pessoa e algumas de suas possibilidades.** 1.ed. São Paulo: All Print, 2020.

PINTO, Marcos A. S. **Abordagem centrada na pessoa e algumas de suas possibilidades: volume II.** 2.ed. São Paulo: All Print, 2021.

RIBEIRO, Jorge P. **Psicoterapia: teorias e técnicas psicoterápicas.** 3.ed. São Paulo: Summus, 2017.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SCHMIDT, Carlo. Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 22, n.2, p.221-230, abr./jun. 2017. Disponível em:<<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i2.34651>>. Acesso em: 13 abril. 2023.

